



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encerramento do Seminário Empresarial Brasil-Zâmbia**

**Lusaca-Zâmbia, 08 de julho de 2010**

Bem, primeiro cumprimentar o companheiro Presidente da República da Zâmbia, o presidente Banda,

Cumprimentar os seus ministros,

Cumprimentar os ministros brasileiros que estão aqui presentes,

Cumprimentar os empresários da Zâmbia,

Cumprimentar os empresários brasileiros aqui presentes,

Cumprimentar a imprensa,

E falar um pouco com vocês.

Primeiro, para diminuir o superávit comercial que o Brasil tem com a Zâmbia, eu vou passar um livro ao Presidente da Zâmbia para que divulgue junto aos empresários, para vocês aprenderem como exportar para o Brasil. Agora, é importante saber que o Brasil... o Brasil, talvez, crie muita dificuldade para receber importação, nós gostamos mesmo é de exportar. Mas, de qualquer forma, está aqui o ensinamento para equilibrarmos o nosso comércio.

Bom, duas alegrias: primeiro porque eu tenho aqui, nas minhas anotações, que uma empresa mineira vai fazer investimentos aqui, Roger, primeiro do que você, uma empresa chamada... eu vou saber aqui... U&M Mineração e Construção, que venceu a licitação em 2007 e tem possibilidade de fazer investimentos, aqui, de US\$ 200 milhões, é o que está na minha anotação aqui. Você vem atrás. Agora, a boa informação é que a Vale do Rio Doce – não se chama mais Vale do Rio Doce – mas para nós, brasileiros, continua sendo Vale do Rio Doce, porque a Vale vai fazer investimentos de US\$ 400 milhões, e está aqui escrito que vai começar em setembro, setembro



de 2010. Está aqui escrito que ela vai começar com a produção de 50 mil toneladas de cobre por ano; está aqui escrito que vai gerar 1,5 mil empregos; e está aqui escrito que, com as ampliações futuras, ela poderá dobrar a produção e, conseqüentemente, dobrar o número de empregos aqui gerados. Isso aqui, eu vou deixar com o Presidente, para que ele guarde para cobrar da Vale nos próximos meses.

Bem, eu vou tentar ser breve, porque nós temos um compromisso, ainda, na África do Sul. Antes eu queria, companheiro Prata, que você me trouxesse a minha camisa, se ela estiver aí, porque para ganhar o coração de um companheiro, nada como presenteá-lo com a camisa da Seleção brasileira autografada.

**Presidente da Zâmbia:**

**Presidente:** (incompreensível) ...não, não. A camisa é pequena para estimulá-lo a perder uns quilos. Esta camisa 10, historicamente é vestida, no Brasil, pelos melhores jogadores que o Brasil já produziu, na história. Então, você comece a treinar com esta camisa.

**Presidente da Zâmbia:**

**Presidente:** Bem, companheiros e companheiras, uma coisa que eu queria dizer para vocês é que estou terminando mais uma viagem pelo continente africano. E estou terminando uma viagem, e estou... se eu falar e o Presidente não ouvir o que eu estou falando, não valeu a pena falar. Então, é preciso cuidar do aparelho.

**Presidente da Zâmbia:**



**Presidente:** Estou terminando a minha oitava viagem – ou nona – pelo continente africano, são 27 países ao todo, e eu posso dizer a vocês que eu já tenho uma convicção mais do que formada sobre o continente africano.

Alguns empresários que conversam mais comigo e que viajam mais comigo e com os meus ministros sabem que nós acreditamos mais na África, eu diria, até mais do que alguns africanos acreditam na África. Falo isso de coração, falo isso com muita convicção porque, habitualmente, habitualmente, quando as coisas da África são divulgadas para o mundo desenvolvido, normalmente, são divulgadas as coisas negativas e não as coisas positivas. Muitas vezes... e milhões de pessoas fazem uma imagem negativa da África porque recebem diariamente mensagens negativas sobre a África. Eu estou convencido de que a África tem problemas, como tem problemas a América do Sul, como tem problemas a América do Norte, como tem problema a Ásia, como tem problemas o Oriente Médio. Mas a cada um é dada uma dimensão diferenciada, de acordo com a simpatia ou de acordo com o tamanho do PIB de cada país.

Eu saio desta viagem ao continente africano com a convicção de que, dentro de alguns anos, este continente fará parte de um local do planeta Terra em que, não apenas estará se desenvolvendo, gerando riquezas, mas também estará melhorando a qualidade de vida do povo deste continente. Já há muitas estimativas de que das vinte economias que mais crescerão no mundo, quinze poderão estar na África.

Quanto mais brasileiros, americanos, chineses, indianos, descobrirem o potencial da África... é para descobrir com uma visão diferente daquela que foi descoberta há 300 anos ou há 200 anos, ou seja, ninguém precisa vir aqui mais para colonizar um país africano ou para se apoderar das riquezas existentes no território africano. As pessoas terão que aprender que no século XXI terão que vir aqui para construir parcerias com governos e com empresários africanos, para deixar aqui grande parte da riqueza produzida aqui neste continente.



Essa é uma mentalidade que precisa começar a ser disseminada nas escolas, nas universidades e em todos os lugares em que se possa fazer um discurso. O mundo vai precisar no século XXI de mais alimentos, o mundo vai precisar no século XXI de mais minério de todos os tipos, e quando a gente olha o mapa do mundo, a gente percebe que não tem muitos lugares que possam produzir a quantidade de alimentos que o mundo precisa consumir. A China tem um imenso território, mas também tem uma imensa população para dar comida; a Índia tem um imenso território, mas também tem uma imensa população para dar comida. Então, o que nós notamos: o mundo rico já tem praticamente superada a sua capacidade produtiva para garantir a sua segurança alimentar. Olhando o mapa do mundo, onde a gente percebe que tem terra? É no continente africano e no continente latino-americano onde tem terra, onde tem sol e onde tem água e, portanto, nós temos que fazer disso uma vantagem comparativa na nova forma de investimento e de produção no século XXI.

Queria dizer aos companheiros da Zâmbia que eu estou convencido, e vou repetir aqui uma coisa que eu tenho dito no Brasil: que a savana africana tem as mesmas características do cerrado brasileiro. E os brasileiros que estão aqui, sobretudo os mais velhos se lembram de que na década de 60 nós dizíamos que o cerrado não prestava para nada. Aliás, eu era menino quando eu aprendi que terra que dá árvore que nasce torta é porque não presta. E a tecnologia e o manejo do solo transformaram o cerrado brasileiro no maior produtor de grãos do mundo por hectare, em um grande produtor de cana-de-açúcar, em um grande produtor de milho, em um grande produtor de soja, em um grande produtor de qualquer coisa que a gente queira produzir no cerrado brasileiro. E isso, inexoravelmente, acontecerá com a savana africana, inexoravelmente.

É por isso que nós brigamos tanto na OMC para concluir a Rodada de Doha para acabar com os subsídios dos produtos agrícolas dos países ricos, para que os países ricos pudessem permitir o acesso, ao mercado deles, dos



produtos agrícolas produzidos aqui na África. Não pensem, companheiros, que o Brasil brigou na OMC, com os Estados Unidos, pelo algodão, por interesse do Brasil. O Brasil é um grande produtor de algodão e temos competitividade para ganhar de qualquer outro país rico. Mas o que nos incomodava era que aqui, no continente africano, tinha país que tinha como primeira fonte de riqueza a exportação de 300 ou 400 toneladas de algodão e, com o subsídio americano, esse algodão tinha dificuldade de entrar no mercado dos países ricos.

Nós ganhamos, nós ganhamos na OMC a disputa com relação ao algodão. Ainda assim, entre a gente ganhar e eles cumprirem, precisou que o governo brasileiro fizesse uma medida provisória, que era como se fosse um decreto-lei antigamente, fazendo retaliações a produtos americanos para que os americanos descobrissem que nós não estávamos brincando, que nós estávamos levando a sério, e isso agora foi resolvido, e o acordo está sendo feito. Da mesma forma... não, e ainda falta consolidar na Rodada [de Doha]. Da mesma forma que fizemos com o açúcar, da mesma forma que fizemos com o açúcar. A verdade, companheiros, é que muitas vezes, muitas e muitas vezes, nós ouvimos falar das palavras “livre comércio” quando era para eles venderem para nós. Mas quando é para nós vendermos para eles, as palavras “livre comércio” perdem o peso e perdem o significado.

É só ver na crise econômica agora, a crise econômica de 2008 e 2009. Nós dizíamos no G-20: para enfrentar a crise econômica é necessário mais comércio, é preciso que a gente evite o trancamento, o fechamento dos mercados. O que aconteceu é que muitos países ricos fecharam os seus mercados e dificultaram as exportações de outros países para os seus mercados.

Bem, eu estou dizendo essas coisas do continente africano porque o potencial que eu vi aqui, que eu vi ontem na Tanzânia, que eu vi anteontem no Quênia, que eu vi na conversa com o Presidente da Guiné Equatorial, que eu vi em Cabo Verde na reunião com todos os presidentes da Cedeao, e que eu



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz  
Discurso do Presidente da República**

---

tenho visto em outros encontros que eu tenho participado, eu acho que nós precisamos acreditar na nossa força.

No Brasil, Presidente, tinha muita gente descrente quando nós começamos a vir para cá. Mas o comércio brasileiro, o comércio brasileiro que era de US\$ 5 bilhões em 2002, passou para US\$ 26 bilhões com a África. O comércio brasileiro com a África, que era de US\$ 5 bilhões quando eu assumi o governo, hoje é um comércio de US\$ 26 bilhões, mais do que o comércio com a Alemanha e mais do que o comércio com o Japão. É verdade que o comércio é superavitário para o Brasil. Não é mais, porque nós compramos muito petróleo da Nigéria, e eu espero que ele iguale quando a Vale estiver levando o cobre para vender para o Brasil, estiver levando o carvão lá de Moçambique para as siderúrgicas brasileiras. Eu espero que tenha um comércio mais equilibrado, porque para nós não interessa que um país seja muito superavitário em relação ao outro, para nós interessa que o comércio seja uma via de duas mãos. Eu acho que, por isso, nós depositamos tanta fé e tanta esperança no continente africano e, sobretudo, levando em conta o potencial energético deste continente, não apenas pela quantidade de hidrelétricas que podem ser construídas aqui, financiadas por bancos brasileiros, construídas por empresas brasileiras. Não apenas por isso, mas pelo potencial da produção de etanol. Eu vou dar um exemplo aqui, Celso: um país, um país como a Zâmbia importa por ano mais de US\$ 1 bilhão de petróleo e derivados de petróleo. Imagine se um país como este tivesse carro a álcool, gerando milhares de empregos, produzindo o etanol aqui, despoluindo o Planeta, sequestrando carbono quando plantasse a cana, e emitindo menos gás de efeito estufa, porque o etanol é um combustível limpo. Isso é possível, e é plenamente possível que empresas brasileiras se juntem a empresas da Zâmbia para que a gente possa aqui produzir isso, para que a gente possa produzir biodiesel, para que a gente possa gerar empregos, gerar renda e, conseqüentemente, gerar desenvolvimento.



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa e Porta-Voz  
Discurso do Presidente da República**

---

Embora a Zâmbia seja um país de apenas 12 milhões de habitantes, 13 milhões de habitantes, é importante lembrar que a Zâmbia ocupa um local estratégico no continente africano. Esta cidade onde nós estamos, Lusaca, é a sede da Comesa - Mercado Comum dos Países da África Oriental e do Sul. A Zâmbia também está localizada no coração geográfico da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral, faz fronteira com oito dos seus membros e oferece boas oportunidades de enlace em toda a área.

Portanto, quando a gente fala em investir aqui na Zâmbia, nós estamos falando de investir em um potencial de vários países que já criaram até um Mercado Comum, Celso, até um Mercado Comum. Nós ainda não criamos na América do Sul, e eles já criaram aqui na África, em uma demonstração de que é importante que a nossa querida imprensa africana e brasileira, inglesa e francesa, americana e alemã, comece a mostrar essas coisas, porque isso é que vai atrair investimento, investimento produtivo, investimento gerador de riqueza, e não os investimentos predatórios daqueles que querem vir aqui apenas tirar as coisas que tem aqui, sem deixar e sem gerar riqueza aqui.

Portanto, é importante que a gente veja o potencial. Além disso, é importante para os empresários brasileiros saberem que a Zâmbia experimentou um forte crescimento em anos recentes, com o crescimento do PIB entre 2005 e 2008 crescendo em torno de 6% ao ano. O crescimento do país em 2009 foi de 6,3%, e a previsão para 2010 é de 6,8%. É importante lembrar também, Roger, o elemento-central da economia zambiana é a mineração de cobre, é o sétimo produtor mundial; cobalto, é o segundo produtor mundial, responsável por 70% das exportações. Portanto, meu caro, você trate de acertar com os empresários da Zâmbia de colocar suas máquinas para trabalharem aqui, para que a Zâmbia possa se transformar em um país mais rico e a Vale em uma empresa mais poderosa... pagando uns “impostozinhos” aqui e uns “impostozinhos” no Brasil, porque nós somos filhos de Deus.



Bem, o que mais... além deste entusiasmo, além deste entusiasmo, eu queria lembrar os companheiros que nós estamos fortemente, fortemente motivados a ajudar grande parte dos países africanos na questão da agricultura. Primeiro, pensando na segurança alimentar. Cada país precisa garantir a sua segurança alimentar. E depois que a gente reservar a terra necessária para a segurança alimentar, a gente utilizar outra parte da terra – até terra degradada, que a gente possa recuperar – para que a gente possa produzir biocombustíveis, seja o etanol, seja o biodiesel, que pode ser feito da mamona, que pode ser feito da palma africana, que pode ser feito do girassol, que pode ser feito da soja, que pode ser feito da “trofa, trofa?” Atrofa; que pode ser feito do babaçu, de qualquer oleaginosa. Essa é uma coisa que eu acho que também está reservado um potencial futuro para o continente africano, porque o mundo desenvolvido assumiu o compromisso de, até 2020, colocar 10% de etanol na gasolina, e é preciso saber onde eles vão produzir esse etanol. Não pode produzir o etanol de canola, não pode produzir o etanol de beterraba, não pode produzir o etanol de milho, ele tem que produzir o etanol de coisas mais baratas, mais produtivas como a cana-de-açúcar que, por coincidência, nós temos muita no Brasil. E já temos experiência extraordinária em alguns países africanos, como Angola... um projeto muito exitoso, e em Moçambique estamos construindo um projeto também.

Bem, para terminar eu queria dizer, meus queridos companheiros, que eu fiquei sabendo também, Presidente, que a Marcopolo, que é uma grande empresa de construção de ônibus... Tem alguém da Marcopolo aqui? Porque tem um dirigente da Marcopolo que parece até a minha unha, de tão encarnado que ele viaja comigo. Aqui ela [Marcopolo] estuda a possibilidade de instalar na Zâmbia um centro de manutenção para atender à frota de sua fabricação que circula pelo país. Então, essa também é uma coisa muito importante.

Por último, companheiros e companheiras, eu queria dizer ao meu querido presidente Banda que, lamentavelmente, a viagem é muito curta. E eu tenho um compromisso: quando eu deixar a Presidência da República eu quero





continuar tentando ver o que eu posso fazer para transferir toda a experiência que nós acumulamos no Brasil, de políticas bem-sucedidas para ajudar dois pedaços do mundo: os países africanos que precisarem e os países da América Latina e do Caribe que precisarem e da América do Sul.

Uma coisa, Presidente, que eu queria lhe dizer, do coração: muitas vezes, a gente fala que não faz as coisas por falta de dinheiro, e é verdade. Mas, muitas vezes, mesmo tendo dinheiro, não se faz as coisas porque não se tem foco e não se tem prioridade.

Eu queria dizer para vocês que o grande legado que eu vou deixar no meu país, quando eu deixar a Presidência, é que eu aprendi que não existe nada mais barato e não existe nada que dê mais retorno para a economia do que a gente cuidar da parte mais pobre da população. Não existe nada, nada!

Eu aprendi agora e vou terminar com esse exemplo: eu fui a um banco no Nordeste brasileiro, chamado BNB, esse banco é um banco de investimento. Esse banco, antes de eu chegar ao governo, ele emprestava apenas 262 milhões e tinha 37% de inadimplência. Hoje, esse banco empresta 22 bilhões e tem apenas 3% de inadimplência. O que é mais grave é que ele empresta R\$ 1,3 bilhão para 1 milhão de pobres e a inadimplência é quase zero. Porque tem uma coisa, Presidente, tem uma coisa, tem uma coisa que nós não temos... que ter medo, tem uma coisa: todo mundo sabe que para um grande empresário é até chamoso chegar em uma reunião e dizer “olha, eu estou devendo US\$ 10 bilhões que eu peguei emprestado no Citibank, eu estou devendo US\$ 5 bilhões que eu peguei no Lehman Brothers”. Então, para um grande empresário dizer que está tomando dinheiro emprestado... A Petrobras, a Petrobras! Para não falar de ninguém, para falar de nós mesmos, no Brasil, a Petrobras, a cada hora que entra na minha sala, ela me humilha quando ela fala “eu vou pegar US\$ 20 bilhões, US\$ 15 bilhões”. E quem pega US\$ 15 bilhões, se não pagar em um ano, não tem nenhum problema, quem está... o credor não vai nem processar, porque é tanto dinheiro, que ele espera um pouco para receber. Agora, o pobre, o pobre não tem nada, se ele pegar



R\$ 1 mil, se ele pegar US\$ 500, se ele pegar US\$ 200 emprestados, ele tem que pagar, ele precisa pagar, porque o único patrimônio que ele tem é o nome dele e a cara dele. E se ele não pagar, ele fica com vergonha dos parentes, porque ele é chamado de caloteiro, na rua, ele é chamado de mau pagador. O grande, não. O grande sai de um banco, vai a outro, sai de outro, vai a outro. Pega de um... não é, Roger? O Roger, o Roger, quando não tem... o Roger, quando não tem no BNB, a Andrade Gutierrez quando não tem no BNB, no BNDES... aí, vai a um banco não sei onde, aí vai em Nova York, aí vai na Alemanha, vai na Inglaterra. Ou seja, o que tem mais se vira. O pobre, se não pagar os 1 mil que ele pegou, o nome dele vai para um lugar onde ficam cadastrados todos os maus pagadores e nunca mais o coitado... nunca mais o coitado consegue arrumar 1 centavo. É por isso que eles são pagadores. Eu acho que a política que nós fizemos no Brasil, de criar crédito para os pobres, é uma política que se encaixa perfeitamente bem para os países africanos.

Eu dizia ao Presidente, tem duas coisas que a gente não pode permitir, duas coisas: é dizer que dinheiro dado para pobre é gasto; dinheiro dado para pobre é investimento. Segundo, é dizer que dinheiro gasto na educação é gasto; dinheiro na educação também é investimento. Portanto, são duas decisões sagradas que nós temos que tomar, porque quando o pobre pega 5 centavos, ele não vai colocar no banco, ele vai ao supermercado comprar alguma coisa para levar para casa para a sua família comer, e isso faz a economia do país girar, faz o comércio girar e faz a pequena produção agrícola produzir.

Muito obrigado, companheiro, e até (incompreensível).

(\$211B)



**Presidência da República**  
**Secretaria de Imprensa e Porta-Voz**  
**Discurso do Presidente da República**

---